

# Necessidades e potencialidades

por Carlos Cardoso, da AIM

A linha de energia eléctrica que abastece a Vila da Gorongosa, proveniente de Nhamatanda — na estrada Beira/Chimoio — tem cerca de 60 quilómetros que necessitem de reparação. Até Metuchira a linha está boa mas depois seguem-se os problemas.

Segundo o Director Provincial de Indústria e Energia, Gama Afonso, de Nhamatanda até ao rio Púngôê há 27 postes deitados abaixo pelos bandidos armados.

«Presume-se que haja mais uns 40 postes deitados abaixo», disse. Acrescentou que a batida da linha ainda está a ser feita — a pé, já que pelo ar é impossível, pois muitos postes estão encobertos pelas árvores.

«Dentro de 10 dias já saberemos», disse ele, «ria 14, aos representantes de organizações não-governamentais que, no dia seguinte, partiriam para a Gorongosa».

E acrescentou: «Contámos ter a linha recuperada dentro de 30 a 45 dias.»

Os postes desta linha são de pinho. É, portanto, fácil sabotá-los. Na vila funciona um gerador de 25 kws. Em breve, irão para lá mais dois. «Mas são geradores de recurso», explicou Gama Afonso.

«O projecto», especificou, «é recuperar a linha e ter um gerador alternativo de entre 170 a 250 kws»; ele enfatizou que a falta de energia «absorve muito tempo às pessoas em trabalhos que não teriam que fazer se houvesse energia.»

Por outro lado, a falta de energia originou a paragem do sistema de tratamento e abastecimento de água à vila. O sistema está funcional mas, de qualquer maneira, foi dimensionado para um número de habitantes inferior àquele que a vila virá a ter em breve.

O problema não é a falta de água, que existe em abundância nas redondezas da vila e na região, apesar de o Púngôê neste momento estar seco. Faltam os depósitos para reter a água na vila, e poços e depósitos nos centros de acomodação.

Há falta de transporte; os meios existentes não chegam, pois as necessidades de abastecimento actual atingem as mil toneladas por mês. O problema agravar-se-á com a chegada de mais pessoas aos centros de acomodação. E as necessidades aumentarão quando se puder iniciar um processo normal de comercialização, após as primeiras colheitas em Abril — um problema que já será de crescimento.

Para já, o Governo Provincial está a enviar mecânicos e equipamento para a vila, a fim de aí se fazer a manutenção básica das viaturas, o que permitirá que não tenham que ir à Beira por causa de pequenas avarias.

Segundo António Jaime, Director Provincial de Apoio e Controlo, uma das necessidades mais prementes em materiais de construção é em chapas de zinco, instrumentos do trabalho e maquinaria ligeira. As necessidades neste campo já estão inventariadas e podem ser dadas a conhecer a quem estiver interessado em ajudar.

António Jaime disse que o trabalho de manutenção das estradas pode ser feito com mão-de-obra local, o que as autoridades provinciais já têm um levantamento detalhado dos equipamentos necessários.

Uma das necessidades, no domínio da Saúde, é a instalação de um sistema de raios-X no hospital da vila, sistema esse que hoje só existe na Beira. Este hospital impressionou os visitantes pela sua organização e limpeza. Ele funciona com um médico e um enfermeiro, e possui alguns dos medicamentos considerados essenciais. Faltam, no entanto, outros medicamentos, assim como pensos (o mesmo para os centros de acomodação).

Nestes centros — quatro, por enquanto — sentiu-se muito a falta de parteiras. Isto foi salientado pelas autoridades provinciais e distritais. Os casos mais graves ocorridos nos centros são tratados no hospital da vila.

Quanto aos meios de evacuação de doentes, para a Beira, por exemplo, eles são muito reduzidos.

Paralelamente, ao apoio de emergência, trabalha-se já no aproveitamento das potencialidades do distrito.

A moagem da vila — com uma fábrica de rações adjacente — é enorme e com equipamento moderno em bom estado de conservação. O gerador, que é velho, precisa de peças. O melhor, é opinão de muitas pessoas, seria arranjar-se um gerador novo. O que é certo é que essa moagem abastece as províncias de Sofala e Manica. A sua recuperação total está no centro das atenções.

Porquê essa moagem na Gorongosa? Porque este distrito já foi — e é hoje potencialmente — o mais rico da província em termos agrícolas. Em pouco tempo pode de novo ser o celeiro de Sofala.

O distrito, com terrenos argilosos, tem grande tradição de trabalho com cerâmica vermelha. Há lá duas cerâmicas. Com algum investimento em equipamentos, a capacidade local gerada poderá minimizar as necessidades em materiais de construção como telhas e pisos cerâmicos.

Com um pequeno investimento pode-se também reabilitar a carpintaria e a serração do centro educacional da vila; um aspecto notado pelos visitantes foi o facto de todos os alunos de uma escola da vila terem carteiras, fabricadas localmente.

A pedreira de calcário está situada a norte, mas o calcário não chega à fábrica de cimentos do Dondo porque os bandidos destruíram troços da linha férrea Beira-Malawi; a fábrica do Dondo tem uma capacidade de produção anual de 300 mil toneladas, mas só produz cerca de 15 mil neste momento. Ela só precisa de importar gesso; todas as outras matérias-primas são de origem local. O regresso a uma produção em pleno desta fábrica seria de um benefício incalculável para toda a operação Gorongosa.

Uma outra potencialidade é a produção de mel e cera de mel, pois há tradição neste campo. Ainda hoje há 4 ou 5 produtores de mel na Em

1980 um litro de mel custava 20 meticals.

Também tradicional é a criação de cabritos.

Como não falta água pode-se pensar na construção de pequenos diques e regadios. Aliás, o verde-vivo por toda a parte é testemunha da fertilidade de toda a zona.

Por enquanto, as prioridades vão para a distribuição de comida, sementes, instrumentos de produção, roupa, sabão. Mas já se trabalha para, a partir da primeira colheita se iniciar o restabelecimento da auto-suficiência alimentar. Neste momento, apenas os habitantes da vila possuem dinheiro.

A partir de Abril, espera-se que a actividade comercial — por troca de produtos ou por compra directa — possa voltar às zonas mais afastadas da vila, começando precisamente por aquelas milhares de pessoas que já iniciaram a abertura de machambas à volta dos centros de acomodação.

Aos «recuperados» tem sido tornado claro que este apoio não substitui o trabalho deles, quer agrícola, quer qualquer outro; um problema menor, segundo o Administrador da Gorongosa, Castigo Zandamela, que disse à AIM se a população deste distrito «muito trabalhadora»



Apesar do que já foi distribuído, ainda há falta de alimentos e bens de consumo

25/11/85 N.